

UM CERTO ROBERTO SCHWARZ¹

[A CERTAIN ROBERTO SCHWARZ]

Priscila Matsunaga¹

ORCID 0000-0002-1922-6494

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O artigo apresenta alguns traços da obra de Roberto Schwarz: parte do ensaio “Cultura e política, 1964-1969”; apresenta algumas características da peça *A lata de lixo da história*, reeditada em 2014, e finaliza com observações do que ficou conhecido como *Seminários Marx*. Não fui apresentada à obra de Roberto Schwarz pelo seu ensaio mais conhecido, *As ideias fora do lugar*. Neste texto, que apresenta o esqueleto crítico adotado para análise de Machado de Assis, pelo título provocador, é discutido até hoje e mostra a vitalidade de seu pensamento. A ele devo, e também ao ensaio *Cultura e política*, a inteligibilidade da forma social brasileira e o prazer pela autonomia intelectual. *A lata de lixo* entra no trajeto pela brutalidade do Brasil de 2019. Pelo seu humor grotesco, a peça oscila entre farsa (ou como o crítico prefere, chanchada) e hiper-realismo. Para concluir, apresento notas sobre os *Seminários*, evento que reuniu uma produção coletiva de leitura e análise, inteligente e avançada, traços, infelizmente, em desuso.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; Cultura e política; A lata de lixo da história; Marx.

Abstract: The article presents notes of the work of Roberto Schwarz: comments the essay “Cultura e política, 1964-1969”; presents some characteristics of the play *A lata do lixo da história*, reedited in 2014, and ends with observations of what became known as *Seminários Marx*. Roberto Schwarz’s articles taught me the intelligibility of the Brazilian social form and the pleasure of intellectual autonomy and this article pretends to present some fundamental points of his work.

Keywords: Roberto Schwarz; Culture and politics; Marx; Brasil.

¹ Este texto, com pouquíssimas alterações, foi elaborado como contribuição ao livro *Les Théâtres de Marx*, organizado pelo prof. Olivier Neveux, a ser publicado em 2021.

*É uma ilusão de bobos
que a vida no entanto
parece confirmar segundo
a qual pouco importa quão
horível a devastação
no final sempre renasce
capim passável. Acostumados
que estamos a tudo só
com esforço e considerando
a história das devastações
inverossímeis estremecemos e queremos
crer que tudo não é igual.*
Roberto Schwarz

O Livro I de *O capital* teve sua primeira tradução para o português, no Brasil, em 1968. Até a data, circulavam os resumos traduzidos de Carlo Cafiero e Gabriel Deville, em edições de bolso. Segundo Marchetti, “as versões resumidas d’ *O capital* serão publicadas em português no início dos anos 1930, acompanhando as dificuldades da assimilação de obra tão complexa, as características de nosso parco público leitor e os limites da organização dos comunistas no país” (MARCHETTI, 2019). Com indícios de que alguns textos marxistas já circulavam em fins do séc. XIX, a autora esclarece que a assiduidade da leitura se faz a partir de 1922, com a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Em termos acadêmicos, Roberto Schwarz relata em *Um seminário de Marx* (1999), uma experiência pioneira, que apesar de universitária, se deu fora das suas dependências. Um grupo de professores e alunos da Universidade de São Paulo, em 1958, se reuniu quinzenalmente para leitura e discussão de *O capital*. O trabalho em grupo, heterogêneo e leitor da obra em alemão e francês, fomentou dissertações e teses em diferentes áreas do conhecimento e provocou, também, a participação política direta de alguns de seus integrantes. Os *Seminários Marx* tiveram duas “edições”, em 1958 e 1963, com mudanças de participantes. Em termos esquemáticos, podemos pensar que o

marxismo encontrou terreno, e disputa, em dois estratos principais: entre os comunistas do PCB e setores próximos, e mais tardiamente, no meio universitário².

A chegada “tardia” da principal obra de Marx – em comemoração aos 100 da primeira publicação – fica mais curiosa se lembrarmos que apenas 4 anos antes ocorrera um golpe civil-militar (entre outros, talvez uma das tradições brasileiras) que depôs o presidente João Goulart. Não à toa Roberto Schwarz observa no ensaio “Cultura e política, 1964-1969”³ que o Brasil, nos primeiros anos imediatamente após o golpe, ficou incrivelmente inteligente. O ensaio publicado em 1970, próximo aos eventos que destaca e suficientemente distanciado para avaliar seus movimentos, afirma que nesses anos, apesar da ditadura de direita, havia relativa hegemonia da esquerda:

[...] pode ser vista nas livrarias de São Paulo, cheias de marxismo, nas estreias teatrais, incrivelmente febris, às vezes ameaçadas de invasão policial, na movimentação estudantil ou nas proclamações do clero avançado. Em suma nos santuários da cultura burguesa a esquerda dá o tom. (SCHWARZ, 2008, p. 71)

O ensaio, imprescindível para pensar o que estava em jogo quando se vislumbrou, ainda que precariamente, uma lufada democrática no país, pode ser dividido em duas partes, ou melhor dizendo, em duas dimensões. A primeira dá notícias dos espaços institucionalizados, por assim dizer, da política brasileira e sua atuação: o PCB, a política de João Goulart e Miguel Arraes, então governador de Pernambuco, e seus braços culturais, como o Movimento de Cultura Popular (MCP). No período pré-golpe “o vento pré-revolucionário descompartmentava a consciência nacional e enchia os jornais de reforma agrária, agitação camponesa, movimento operário, nacionalização de empresas americanas etc.” (SCHWARZ, 2008, p. 81). Após o golpe, o noticiário, e a imaginação, foram dominados pelos ratos de missa quando se retiravam páginas “imorais dos romances de Eça de Queirós” (SCHWARZ, 2008 p. 83).

A segunda, trata com mais vagar das manifestações artísticas do período. A chave de leitura que se apresenta é a contaminação de interesses entre artistas e intelectuais e demandas populares: “grupos teatrais procuravam então camponeses, informavam-se e

² O livro *Nós que amávamos tanto O capital: leituras de Marx no Brasil*, publicado pela Boitempo em 2017, traz textos de Emir Sader, João Quartim de Moraes, José Arthur Giannotti e Roberto Schwarz, participantes do *Seminários Marx*. A tese de Lidiane S. Rodrigues, *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “Um Seminário” (1958-1978)*, defendida em 2011, apresenta depoimentos e documentos do Seminário e seminaristas.

³ O artigo teve sua primeira publicação como “Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969”, In: *Revue Les Temps Modernes*, n. 288, 1970.

tentavam dramatizar em seguida os problemas da inovação. Num caso destes, quem seria o autor? Quem aprende? A beleza ainda adorna as classes dominantes? De onde vem ela?” (SCHWARZ, 2008, p. 81). A ligação pré-64 alterou a fisionomia, os temas e modos de produção das artes no Brasil; entre 64 e 69, portanto, impedida a solidariedade entre classes, o ideário de esquerda foi feito para consumo próprio que, no entanto, também fomentou as ideias da luta armada; sintoma, talvez, da endogenia. No ensaio, o interesse recai na função e lugar social em um tipo de análise do fetichismo da música, da arquitetura, das artes plásticas e do teatro, quando os artistas se ocuparam da crítica (in)conformista da derrota de 64.

Ao analisar o teatro durante os anos iniciais da ditadura civil-militar brasileira, Schwarz propõe que os verdadeiros temas do teatro político são as “alianças e os problemas de organização popular que surgem da crítica de seus interesses e deslocam noções como sinceridade e entusiasmo para fora do campo do universalismo burguês” (SCHWARZ, 2008, p. 100). Tendo em vista o Teatro de Arena, avaliado em seus descompassos cênico-dramatúrgicos, e a partir de Adorno, Schwarz faz um balanço positivado do grupo

[...] em fim de contas, é um desencontro comum em matéria artística: a experiência social empurra o artista para as formulações mais radicais e justas, que se tornam por assim dizer obrigatórias, sem que daí lhes venha, como honra ao mérito, a primazia qualitativa. Mas não procurá-las conduz à banalização. (SCHWARZ, 2008, p. 101)

Ao criticar os limites estéticos e políticos da experiência liderada, em grande parte por Augusto Boal, no Teatro de Arena, Schwarz simpatiza com o grupo em sua euforia ingênua e percebe o uso deslocado da teorização de Brecht. O dramaturgo alemão teria imaginado um teatro socialista na República Democrática Alemã que pudesse conciliar vida e palco: “a obra poderia divertir e educar o público em lugar de desmenti-lo o tempo todo” (SCHWARZ, 2008, p. 97). Dito de outra forma, o brechtianismo-stanislavskiano do Arena, especialmente em *Arena conta Tiradentes*, estava fora de hora, pressupondo um acordo entre palco e público, desconsiderando a derrota sofrida em 64.

No ensaio, Schwarz também analisa os espetáculos do Teatro Oficina que, também à esquerda, foi muito mais ambíguo que o Arena e teria se erguido “a partir da experiência interior da desagregação burguesa” de 1964 (SCHWARZ, 2008, p. 101). Seu idealizador, José Celso Martinez Correa, segundo Schwarz, teria como princípio a

marca de que *todo consentimento entre palco e plateia é um erro ideológico e estético* diante de uma situação histórica na qual o principal consumidor do melhor teatro é o movimento estudantil de classe média, parcela da pequena burguesia que ficou à direita ou não resistiu ao golpe. Assim, em seus espetáculos, o espectador era agredido e insultado para que saísse de sua “inércia”. Usando uma “violência desconhecida – mas autorizada pela moda cênica internacional, pelo prestígio da desagregação da cultura europeia, o que exemplifica as contradições do imperialismo neste campo –, o Oficina atacava as ideias e imagens usuais da classe média, os seus instintos e sua pessoa física”. (SCHWARZ, 2008, p. 103).

A experiência de Roberto Schwarz como autor teatral possui algo da segunda tendência, articulando didatismo e choque profanador pelo enquadramento da cena beckett-tropicalista, o que dá no caso brasileiro um hiper-realismo⁴.

Em *A lata do lixo da história: chanchada política*, escrita entre 1968 e 1969, publicada em 1977 com alguns retoques e com nova edição em 2014, Schwarz usa o enredo de *O alienista*, conto de Machado de Assis de 1881-1882, para tratar da situação brasileira após o golpe, invertendo por assim dizer o seu andamento.

No conto de Machado temos a personagem principal *Simão Bacamarte*, “maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”, conduzindo experimentos na área da alma humana (a ciência psiquiátrica “chegando” no Brasil) na cidade de Itaguaí, após recusar a reitoria da Universidade de Coimbra ou ainda o auxílio ao monarca em seus negócios em Lisboa. A ironia de Machado, dada pelo narrador que começa o conto com “as crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos...” dá a piscadela ao leitor que, ao contrário das outras personagens, não maldizem *Simão* e até o respeitam, pela legitimidade conferida por El-Rei. O desmonte da figura a partir da visada dos outros personagens se dá quando *Simão* recolhe quase todos os moradores no “hospício”, denominado *Casa Verde*. Apenas o *vigário Lopes*, com “autoridade suspeita”, questiona as ideias do alienista. Cito a passagem:

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não mereceria princípio de execução.

⁴ O leitor poderá ter uma discussão pormenorizada em Schwarz, Roberto. *A Lata de Lixo da História: Chanchada Política*. *Terceira Margem*, v. 18, n. 30, p. 227-243, 2014 e também em vídeos disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=m_nt51WgT-0&t=3483s e <https://www.youtube.com/watch?v=1B47KRkJIJO>.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas. A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução. (ASSIS, 2011, p. 53-54)

Schwarz comenta que a sua peça se afasta do modelo de *O alienista* em duas questões: Machado não trata diretamente da escravidão no Brasil, tampouco da Revolução Francesa, que se insinua, como podemos perceber em “Itaguaí e o universo ficavam à beira da revolução”. O fundo do conto machadiano é protagonista na peça do crítico, quando a violência da escravidão é tratada desde o seu início. A primeira rubrica diz o seguinte:

No palco há bonecos de negros e animais, que serão maltratados de várias maneiras, conforme a circunstância. Há também um espelho. As cenas são separadas por segundos de escuridão. Nesta peça tudo é questão de ritmo e corte, pois ela é construída sobre transições canceladas. A passagem da chanchada à atrocidade, as conversões rapidíssimas em matéria de convicção, a brevidade com que se despacham as discursivas, bem como a alternância de asneira e cinismo, fazem figura de história contemporânea. (SCHWARZ, 2014, p. 15)

As personagens irão buscar o espelho para “disfarçarem” a brutalidade após os momentos de espancamento dos bonecos; assim *A lata do lixo* não se vale apenas de *O alienista*. Estão presentes os contos *O espelho*⁵ e *A teoria do medalhão*, reunidos na mesma publicação, *Papéis avulsos*. Do segundo, uma conversa entre pai e filho, àquele recomenda ao filho que ao ocupar a tribuna no parlamento não utilize de ironia: “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados” (ASSIS, 2011, p. 110). Recomenda a chalaça que “arrebenta de riso os suspensórios” (ASSIS, 2011, p. 111). O conto termina com a sentença do pai: “guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli” (ASSIS, 2011, p. 111). Desta forma, o comentário no prefácio à segunda edição da peça sobre como aproveitou *O alienista* e *O Príncipe* não é a aleatória, e dá pistas de que *A lata de lixo* faz também referência à Teoria do Medalhão, essa figura dotada da *perfeita*

⁵ Neste conto, a personagem para não se “desfazer” precisa se vestir com a farda de alferes e se admirar no espelho. É a imagem que lhe dá substância e existência.

inópia mental, como muitos políticos no Brasil. Ainda no prefácio, informa que a ideia de transformar o conto de Machado de Assis em sátira à ditadura era compartilhada por outros artistas e intelectuais pois a *truculência* e *desfaçatez* das elites brasileiras se ajustavam a uma leitura ainda em processo – e que se mostrou com total vigor em *Ao vencedor as batatas*⁶ e *Um mestre na periferia do capitalismo* – sobre o desajuste histórico da crítica progressista que “desmascara” a falsa consciência em contextos nos quais a ideologia é de segundo grau⁷: “É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial – a exploração do trabalho” (SCHWARZ, 2000, p. 12).

O realismo de Schwarz, pelo qual lê a obra de Machado, ganha no procedimento ao aproximar-se de Brecht, para quem um projeto realista explora relações intermediárias e não a polarização direta indivíduo-sociedade; as personagens são lidas pelo mecanismo do favor, uma espécie de mediação quase universal que disfarça a violência, amparando os desterrados em sua própria terra.

A violência que organiza *A lata de lixo da história*, porém, se cobre pela verbosidade das personagens e não comparece o idealismo burguês quando tudo está claro e dito, afinal não temos um narrador. Segundo Schwarz, “a gravidade do momento era brutal, mas ainda assim a grossura dos generais arrancava riso, uma risada algo histórica, em que se misturava o medo e a angústia” (2014, p. 9). À sério são as pancadarias e as prisões em cena conduzidas pelos “enfermeiros” de *Simão*. A opção tropicalizada dizia de um ambiente comum entre os artistas que buscavam formalizar o absurdo da ditadura e seus personagens grotescos, deixando visível a ferocidade, que se mostrava também nas ruas. Em 1968, como exemplo mais conhecido, atores e técnicos que apresentavam *Roda Viva*, peça de Chico Buarque, foram espancados por integrantes do Comando de Caça aos Comunistas. Para o leitor, portanto, a linguagem afetada das personagens, conferindo estranhamento em alguns casos, se soma à agressividade da cena. O conjunto é levado à máxima potência pelo mundo da alienação, como se apenas

⁶ *To the Victor, The Potatoes!* Leiden: Brill, 2019 (Historical Materialism Book Series, vol. 206).

⁷ A tese de Maurício Reimberg, *A crítica de Roberto Schwarz (1958-1968): um percurso atravessado pelo golpe de 1964*, defende que nos critérios adotados por Schwarz comparece uma dualidade temporal: uma percepção ascendente orientada pelo conflito e consciência coletiva e a verificação de um presente que parece enredado numa reprodução ampliada de si mesmo (p. 10). Cf. REIMBERG, Maurício. *A crítica de Roberto Schwarz (1958-1968): um percurso atravessado pelo golpe de 1964*. São Paulo, 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.

a “verdadeira” revolução, como um dado extraestético, pudesse dar fim à situação, embora dela nada se diga, “excetuando” a alusão do título.

A racionalidade d’*A lata de lixo* é cínica e organiza o material dramaturgico e cênico. A lucidez aparece apenas em uma fala acrescentada na edição de 2014. Na cena “O levante popular”, quando a massa também tratada com feição cínica se revolta, há uma voz feminina que se apresenta:

Companheiras e companheiros, peço a máxima atenção possível. Começa aqui uma era diferente, em que tudo vai depender de nós. A baixeza dos notáveis ficou clara. Mas e daí?, pergunto eu, e daí? A baixeza deles prova o quê? Ela prova que eles são uma porcaria, mas não que nós temos a solução. Isso nós é que temos que provar. Agora toca a nós mostrar que somos capazes de alguma coisa nova, nova e superior. Sem a luta por um sistema superior, fica tudo na mesma, não é isso? Precisamos conversar, usar a cabeça e nos organizar. Acabou o tempo amargo em que trabalhávamos para os outros. Daqui para frente vamos trabalhar juntos, para nós mesmos. Procuremos entender, não é fácil. (SCHWARZ, 2014, p. 97)

A inclusão da fala – feita após as manifestações de junho de 2013, quando a empolgação e mobilização popular dos primeiros dias (que começou com certa espontaneidade na reivindicação contra o aumento do valor da passagem do transporte coletivo na cidade de São Paulo) foi solapada pela pauta midiática – suspende o absurdo e promove uma dialética que se faz para dentro da peça e do seu andamento, com algo de superficialidade, pois não harmoniza com os outros personagens, ao mesmo tempo que não é irônica ou “didática”, pois diz de uma condição extraliterária que anima a parte esclarecida.

Do primeiro movimento, a fala toma como categoria estética a ingenuidade, uma “espécie de categoria em transição [...] uma atitude de diferenciação, pelo qual os comportamentos concretos voltam a projetar suas causas e consequências” (CARVALHO, 2009, p. 28). Tomando essa observação, poucos são os momentos na peça que não temos a impressão de que todos os personagens, e não apenas o cenário com bonecos, têm algo de fantoches de difícil digestão. A ingenuidade é o antídoto que pode fazer frente à lógica da estrutura cínica e seu ato de se autodesmentir? Assim, a questão que se apresenta pela *voz feminina* de Schwarz põe abaixo o mundo das certezas, também ideológicas, de uma crítica que se fez progressista por demonstrar a ideologia burguesa e lembra, ainda que remotamente, o final do conhecido ensaio de Walter Benjamin, *O autor como produtor*: “A inteligência que fala em nome do fascismo deve desaparecer. A inteligência que o enfrenta, confiante em suas próprias forças

miraculosas, há de desaparecer. Porque a luta revolucionária não se trava entre o capitalismo e a inteligência, mas entre o capitalismo e o proletariado” (BENJAMIN, 1987, p. 136).

A questão também está presente no já referido ensaio de Schwarz, “Cultura e política”:

A cultura é aliada natural da revolução, mas esta não será feita para ela e muito menos para os intelectuais. É feita, primariamente, a fim de expropriar os meios de produção e garantir trabalho e sobrevivência digna aos milhões e milhões de homens que vivem na miséria. (SCHWARZ, 2008, p. 110)

O *happy end* da peça “A lata de lixo”, no qual um boneco espanca um *Notável* – que é no final das contas a caracterização da elite brasileira, intelectual (um tipo à esquerda e à direita) e econômica, em sua grossura e baixeza – e o joga em um buraco escrito “A lata de lixo da história”, ação sem fundamento na peça, preenche, porém, a posição do autor.

Para concluir, portanto, cabe retomar o lugar dos *Seminários Marx* na obra de Schwarz. Para o autor foi sorte ter participado de um momento do marxismo crítico no Brasil independente à oficiosidade do PCB. Entre a entrada oficial de Marx no Brasil, com as primeiras publicações de resumos d’*O capital* e os encontros universitários da década de 50, houve acumulação intelectual e “fermento” cultural moderno; e à agenda mundial após a morte de Stalin se combinavam “os termos da agenda local, de superação do atraso por meio da industrialização” (SCHWARZ, 1999, p. 88).

Foi essa combinação, ou melhor, a “agenda local” – e é preciso registrar a ironia: “já que em última análise estávamos – e estamos – engajados em encontrar a solução para o país, pois o Brasil tem que ter saída. Ora, alguém imagina Marx escrevendo o *Capital* para salvar a Alemanha?” (SCHWARZ, 1999, p. 104) – que contraditoriamente forneceu um ambiente mais abstrato e acanhado por não desenvolver, como revê o crítico, a crítica de Marx ao fetichismo da mercadoria.

Como correspondia àqueles anos de desenvolvimentismo, o foco estava nos impasses da industrialização brasileira, que podiam até empurrar na direção de uma ruptura socialista, mas não levaram à crítica aprofundada da sociedade que o capitalismo criou e de que aqueles impasses formam parte [...] A parte da lógica da mercadoria na própria produção e normalização da barbárie pouco entrava em linha de conta e ficou como bloco menos oportuno da obra de Marx. Pelas mesmas razões faltou ao seminário compreensão para a importância dos frankfurtianos, cujo marxismo sombrio, mais impregnado de realidade que os demais, havia assimilado e articulado uma apreciação plena das experiências do

nazismo, do comunismo stalinista e do *american way of life*, encarado sem complacências. Daí também uma possível inocência do grupo em relação ao lado degradante da mercantilização e industrialização da cultura, consideradas sem maiores restrições. E daí, finalmente, uma certa indiferença em relação ao valor do conhecimento da arte moderna, incluída a brasileira, a cuja visão negativa e problematizadora do mundo atual não se atribuía importância. (SCHWARZ, 1999, p. 103-104)

Entre os realces, o trabalho de Maria Sylvia de Carvalho Franco merece destaque por ter aproveitado o ambiente do grupo de estudos. *Homens livres na ordem escravocrata* apresenta processos-crime da comarca de Guaratinguetá na sociedade colonial e procura reconstituir o universo baseado na escravidão. Os personagens, no entanto, são os homens livres pobres e parte da argumentação situa a violência como código social. “Fica evidente a sua incorporação às condutas socialmente sancionadas. O fato de circularem desimpedidas de juízos restritivos indica também que a violência é incorporada não apenas como um comportamento regular, mas positivamente valorado”. (FRANCO, 1997, p. 53)

Assim, os estudos de Schwarz acionaram os achados críticos de Maria Sylvia, pois seu trabalho forneceu o semblante das personagens de Machado de Assis. A peculiaridade da obra de Machado permite que o desmascaramento das ideologias apresente o lado progressista da crítica, definindo todo um campo de estudos, que toma o pressuposto crítico apresentado em *As ideias fora do lugar*: “ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura” (SCHWARZ, 2000, p. 29). A falta de transparência social, a alienação à moda brasileira, tem como substrato o *favor*, elemento interno e ativo da cultura.

Em outros trabalhos, o ambiente da cultura brasileira recebe o tratamento que ficou à margem pelo grupo de estudos d’*O capital*, como tentamos abordar ao apresentar brevemente o ensaio “Cultura e política”. Afinal, como criticar o fetichismo do capital, em termos artísticos, sem fazer da crítica um apanhado de acusações baseadas apenas no comércio das obras e dos artistas, na massificação dos gostos ou ainda na perversidade da indústria cultural? Essa espécie de *ficção sem fantasia, uma religião do vulgar*, como Marx aponta no adendo ao *Rendimentos e suas fontes*, e que na produção artística traduz-se pelo *culto* ao belo, quando esgarçados seus limites, exige a mudança de critério de *valor*, diminuindo a distância entre iniciados e iniciantes, e

repõe questões do que entendemos por didatismo. Aqui está a força da ingenuidade colocada em cena.

A atuação crítica sobre a condição do artista e do intelectual na periferia do capitalismo não se pintou de melancolia e incorporou a consciência de que a nação, embora palco real da economia, das alianças militares, da tecnologia, deixou de ser uma realidade relevante (SCHWARZ, 2019, p. 37).

Fim de século, texto de Schwarz de 1994, se tornou programa de pesquisa do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (Cenedic), conforme relata Francisco Oliveira em *Um crítico na periferia do capitalismo*. O artigo é como uma nota musical que insiste em nos assombrar:

As sociedades que não alcançaram a integração moderna são afetadas de modo diferenciado pela nova ordem global. No Brasil, corremos o risco de ver reprisado o desastre da Abolição, quando os senhores, ao se modernizarem, se livraram dos escravos e os abandonaram à sua sorte. É sabido que o novo padrão competitivo, íngreme em face das realidades da vida popular, se compõe à maravilha com o nosso descaso secular pelos pobres. Em seu “despreparo”, estes estão deixando de interessar até como força de trabalho quase gratuita. Passou o tempo em que incorporá-los parecia um imperativo econômico. Diante das novas tendências estruturais, mais segmentadoras que integradoras, com as suas desqualificações sociais duras e sobretudo o desemprego tecnológico, não será fácil as elites decidirem e entenderem, até para uso particular, em que consiste ser parte de um país ou governá-lo. Só por um coração cristão ou deformação esquerdista antiga os cidadãos da faixa atualizada, aliás policlassista, sentirão afinidade com os que sobraram. O divórcio entre economia e nação é uma tendência cujo alcance ainda mal começamos a imaginar. (SCHWARZ, 1999, p. 162)

Como Oliveira aponta, fez parte do programa de estudos do Cenedic buscar compreender como *as novas formas da acumulação do capital produzem o velho, mais que suportadas por ele* (OLIVEIRA, 2007, p. 151). Se o Brasil de 2019⁸, como o de 1964, dá razão a uma fala venenosa de *A lata de lixo*: “*O que mais me desconcerta, querido, é a inconsciência dessa pobre gente. Eu sinto nas entranhas de Itaguahy uma força escura que um dia ainda sai fora. Nesse dia nós vamos chorar*”, não se está falando essencialmente do brasileiro. Como disse em entrevista, há um fundo regressivo da sociedade brasileira descontente com os rumos da civilização, que um dia prometeu a sua inclusão⁹. Acresce que o descontentamento não é, apenas, de setores subalternizados que conquistaram pequenos avanços no consumo, mais raros ainda nos direitos sociais;

⁸ O texto foi escrito, como é possível observar, entre 2018 e 2019.

⁹ Entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* em 15 de novembro de 2019.

a ausência de uma elite que se reconhece parte de um país auxilia o estado de coisas geral, o que não deixa de ser verdade para o sistema mundial de produção de mercadorias. (Todos, em alguma medida, desterrados ressentidos, contradição e condição de uma ex-colônia?)

O assunto está alinhado em alguma medida ao pensamento de Robert Kurz. Schwarz prefaciou a publicação de *O colapso da modernização*. Em “O livro audacioso de Robert Kurz”, acompanhando a sua argumentação, diz que “O movimento pendular do capitalismo, entre momentos concorrenciais e estatizantes, agora irá para o segundo pólo, talvez tomando a forma do estado de sítio, requerido pelo aprofundamento dos impasses do sistema” (SCHWARZ, 1999, p. 187).

Não há mais espaço para o desenvolvimento e o ambiente é o colapso, também para a crítica, quando “as ideologias da modernização decompõem-se e misturam-se umas às outras. Esclarecimento e contra-esclarecimento tornam-se idênticos” (KURZ, 2007, p. 166). Qual a função da crítica nessa hora? A lucidez ajuda em quê?

Como um amor sem uso, a situação continua péssima, “excelente para fazer uma revista” (SCHWARZ, 2019, p. 339).

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Introdução de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Sérgio de. *Introdução ao teatro dialético*: experimentos da Companhia do Latão. São Paulo: Expressão Popular; Companhia do Latão, 2009.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- KURZ, Robert. A ruptura ontológica: antes do início de uma outra história mundial. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo*: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- MARCHETTI, Fabiana. Caminhos editoriais e políticos: a tradução de *O Capital* no Brasil. In: Colóquio internacional Marx e o marxismo: marxismo sem tabus – enfrentando as opressões, 2019, Niterói. *Anais...* Niterói: Niep-UFF, 2019. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC7/MC72.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Francisco de. Um crítico na periferia do capitalismo. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHWARZ, Roberto. *A lata de lixo da história: chanchada política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SCHWARZ, Roberto. *Seja como for: entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2019.

Recebido em 14/11/2020

Aceito em 18/12/2020

ⁱ **Priscila Matsunaga** é Professora de Teoria Literária e Fundamentos da Cultura Literária Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da mesma instituição. Autora de “Ensaio sobre o Latão” e de ensaios e artigos sobre dramaturgia e processo social.
E-mail: priscilamatsunaga@letras.ufrj.br